

MAGGIE STIEFVATER

O
CHAMADO
DO
FALCÃO

O Sonhador, livro 1

Tradução
Monique D'Orazio

1ª edição

Rio de Janeiro-RJ / Campinas-SP, 2021



VERUS
EDITORA

PRÓLOGO

Esta será uma história sobre os irmãos Lynch.

Eles eram três, e, se você não gostasse de um, podia tentar outro, pois o irmão Lynch que uns achavam muito azedo ou muito doce poderia ser perfeito para o seu gosto. Os irmãos Lynch, os órfãos Lynch. Todos tinham sido feitos por sonhos, de uma forma ou de outra. Eram lindos pra diabo, até o último deles.

Os irmãos Lynch cuidavam de si. Sua mãe, Aurora, morrera como alguns sonhos morriam: de forma horrível, inesperada, sem que ninguém tivesse culpa. O pai, Niall, fora morto ou assassinado, dependendo do quão humano você o considerasse. Havia outros Lynch? Improvável. Os Lynch pareciam ser muito bons em morrer.

Os sonhos não são a base mais segura sobre a qual se pode construir uma vida.

Como os irmãos Lynch tinham vivido em perigo durante grande parte da vida, cada um tinha desenvolvido métodos para eliminar as ameaças. Declan, o mais velho, flertava com a segurança ao ser o mais tedioso possível. E ele era muito bom nisso. Em todas as coisas — escola, atividades extracurriculares, namoro —, ele sempre escolhia a opção mais entediante. Tinha um verdadeiro dom para isso; algumas formas de tédio sugerem que o usuário, bem lá no fundo, possa realmente ser uma pessoa extravagante e refinada, mas Declan fazia questão de praticar uma forma de tédio que sugeria que, no fundo, havia uma versão ainda mais entediante dele. Declan não era invisível, porque o invisível tinha seu próprio charme, seu próprio mistério. Ele era de fato *tedioso*. Tecnicamente, cursava a faculdade, participava de campanhas políticas, um jovem de vinte e um anos com toda a vida

pela frente, mas era difícil se lembrar disso. Era difícil se lembrar dele e ponto-final.

Matthew, o caçula, flutuava na segurança sendo o mais gentil possível. Era bem-humorado, flexível e amável. *Gostava* das coisas, e não de uma forma irônica. Ele ria no fim das piadas. Não falava palavrão. E tinha uma aparência gentil também. O anjinho de cabelos louros tinha se transformado em um garoto de dezessete anos que mais parecia um Adônis de cabelos louros. Toda essa bondade melosa e cabeluda poderia ter sido insuportável se Matthew não fosse um comilão, preguiçoso e não muito inteligente. Todos queriam abraçar Matthew Lynch, e ele queria ser abraçado.

Ronan, o irmão do meio, defendia sua segurança sendo o mais assustador possível. Como os outros irmãos Lynch, ele frequentava a igreja, mas a maioria das pessoas achava que ele torcia para o outro time. Só vestia roupas pretas e tinha um corvo como animal de estimação. Raspava a cabeça, e suas costas eram cobertas por uma tatuagem com garras e dentes. Tinha cara de poucos amigos e falava pouco. As palavras que de fato ele tirava da bainha acabavam se mostrando punhais, reluzentes e afiadas e desagradáveis quando cravadas na gente. Seus olhos eram azuis. As pessoas costumam achar olhos azuis bonitos, mas os dele não eram. Não lembravam centáureas, nem o céu, nem tinham um tom azul-bebê, índigo ou royal. Os olhos dele eram como icebergs, vendavais, lembravam hipotermia e, no fim, morte. Tudo em Ronan sugeria que ele poderia bater sua carteira ou derrubar o seu bebê. Tinha orgulho do nome da família, e combinava com ele. Sua boca sempre tinha aquele formato como se ele houvesse acabado de dizê-lo.

Os irmãos Lynch tinham muitos segredos.

Declan era um colecionador de frases bonitas e específicas, que não se permitia usar em público, e tinha um sorriso iluminado e específico que ninguém jamais veria. Matthew tinha uma certidão de nascimento falsificada e nenhuma impressão digital. Às vezes, se deixasse sua mente divagar, ele se via caminhando em uma linha reta. Em direção a alguma coisa? Afastando-se de alguma coisa? Esse era um segredo até para ele mesmo.

Ronan tinha o mais perigoso dos segredos. Como muitos segredos importantes, havia sido transmitido a ele por meio da família — nesse

caso, de pai para filho. Estes eram os lados bom e ruim de Ronan Lynch: o bom era que às vezes, quando adormecia e sonhava, ele acordava com aquele sonho. O ruim era que às vezes, quando adormecia e sonhava, ele acordava com aquele sonho. Monstros e máquinas, clima e desejos, medos e florestas.

Os sonhos não são a base mais segura sobre a qual se pode construir uma vida.

Depois que seus pais morreram, os irmãos Lynch mantiveram a cabeça baixa. Declan se afastou do ramo dos sonhos e foi para a faculdade para obter o diploma mais entediante possível em ciência política. Ronan mantinha seus jogos de pesadelo confinados à fazenda da família, na zona rural da Virgínia, o máximo que podia. E Matthew... bem, Matthew só precisava continuar se certificando de que não iria embora acidentalmente.

Declan ficava mais entediante e Ronan ficou mais entediado. - Matthew tentava não deixar seus pés o levarem a algum lugar que ele não entendia.

Todos eles queriam mais.

Um deles tinha que ceder, hora ou outra. Niall tinha sido um sonhador selvagem de Belfast com fogo nos calcanhares, e Aurora tinha sido um sonho dourado com o céu infinito refletido nos olhos. Seus filhos tinham sido feitos para o caos.

Era um outubro inclemente, um outubro maluco, uma daquelas épocas inquietantes que sobem na nossa pele e voam por aí. Fazia dois meses que o semestre de outono havia começado. As árvores estavam todas quebradiças e com galhos que pareciam dedos crispados. As folhas moribundas eram arredias. O inverno uivava pelas portas à noite até que as fogueiras o afastavam por mais algumas horas.

Algo mais estava acontecendo naquele mês de outubro, algo mais que estava se esticando, estendendo e ofegando, mas a maior parte, até aquele momento, ainda não tinha sido vista. Mais tarde, teria um nome; por enquanto simplesmente agitava tudo de estranho que tocava, e os irmãos Lynch não eram exceção.

Declan foi o primeiro que cedeu.

Enquanto o irmão caçula estava na escola e o irmão do meio fingia estar na fazenda da família, Declan abriu uma gaveta em seu quarto e tirou um pedaço de papel com um número de telefone. Seu coração

bateu mais rápido só de olhar para ele. Deveria tê-lo destruído, mas, em vez disso, ele o salvou no celular.

— O garoto Lynch? — disse a voz do outro lado da linha.

— Sim. — Foi só o que disse. — Eu quero a chave. — E desligou.

Declan não contou a ninguém sobre a ligação, nem mesmo aos irmãos. O que era mais um segredinho, ele pensou, em uma vida cheia deles?

Tédio e segredos: uma combinação explosiva.

Algo iria queimar.

1

Criaturas de todos os tipos começaram a adormecer.

O gato foi o mais dramático. Era um lindo animal, se você gostasse de gatos, com uma carinha delicada e pelo comprido e felpudo, do tipo que parecia que ia derreter e virar açúcar líquido. Era um tricolor, o que em circunstâncias normais significaria que certamente o gato não era um *ele*, mas sim uma *ela*. O padrão tricolor tinha que ser herdado de dois cromossomos X. Talvez essa regra não se aplicasse ali, naquela bela cabana rural de cuja existência quase ninguém sabia. Forças outras que não a ciência dominavam aquele lugar. A tricolor podia nem mesmo ser uma gata. Tinha a forma de um gato, mas alguns bolos de aniversário também tinham forma de gato.

Ela os tinha visto matá-lo.

Caomhán Browne tinha sido seu nome. Na verdade, ainda era seu nome. Como as boas botas, as identidades sobreviviam a quem as usava. Disseram que ele era perigoso, mas ele rebatera tudo contra eles, menos o que eles temiam. Uma pequena mesa de canto. Uma poltrona reclinável floral rechonchuda e desbotada. Uma pilha de revistas de design. Uma televisão de tela plana de tamanho modesto. Ele realmente havia apunhalado Ramsay com o crucifixo da parede do corredor, o que Ramsay achou engraçado mesmo enquanto era apunhalado. *Caramba*, ele tinha dito.

Uma das mulheres usava botas de salto de pele de carneiro em estilo “vestida para matar”, e agora havia uma quantidade inacreditável de sangue nelas. Um dos homens tinha tendência a enxaquecas e podia sentir a magia onírica do lugar acionando as luzes de uma aura na periferia de sua visão.

No final, Lock, Ramsay, Nikolenko e Farooq-Lane haviam encurralado Browne e a gata na cozinha de teto baixo da cabana de férias irlandesa, nada ao alcance de Browne, exceto uma vassoura seca decorativa na parede e a gata. A vassoura não servia para nada, nem mesmo para varrer, mas a gata poderia ter sido usada, com bons resultados, se atirada corretamente. Poucos tinham o porte físico para lançar um gato corretamente, entretanto, e Browne não era um deles. Era possível ver o momento em que ele tinha percebido que não era capaz de fazer aquilo e desistira.

— Por favor, não matem as árvores — falou.

Atiraram nele. Algumas vezes. Os erros custavam caro e as balas eram baratas.

A tricolor teve sorte de não ter levado um tiro também, agachada atrás de Browne como estava. As balas atravessam coisas; essa é sua função. Em vez disso, a felina apenas ficou respingada de sangue. Ela soltou um uivo assombroso e cheio de raiva. Eriçou a cauda inteira e estufou a pelagem de algodão. Em seguida, lançou-se diretamente contra eles porque, você pode acreditar, o diagrama de Venn de gatos e pessoas dispostas a atirar gatos forma um círculo. Por um breve momento pareceu bem possível que um deles estivesse prestes a vestir uma gata com todas as garras estendidas.

Mas então Browne estremeceu pela última vez e ficou imóvel.

A gata caiu.

Um corpo bate no chão com um som inigualável; um *fhlomp* multifacetado de um saco de ossos inconsciente não pode ser replicado de outra maneira. A tricolor fez esse som e depois também ficou imóvel. Ao contrário de Browne, no entanto, seu peito continuou a subir e descer, subir e descer, subir e descer.

Estava impossivelmente, anormalmente, totalmente adormecida.

— Isso é que eu chamo de fodido — comentou Ramsay.

Sobre a pequena pia branca, via-se uma janela, e através dela era possível avistar um profundo campo verde e, mais perto, três pôneis peludos parados na lama remexida próximo ao portão. Eles caíram de joelhos, inclinando-se um contra o outro como companheiros sonolentos. Um par de cabras baliu uma pergunta confusa antes de cair como os pôneis. Havia galinhas também, mas já tinham adormecido: montículos multicoloridos e macios espalhados pelo gramado.

Caomhán Browne tinha sido o que os Moderadores chamavam de Zed. Isto é o que significa ser um Zed: às vezes, quando sonhavam, eles acordavam com algo com que tinham sonhado em suas mãos. A gata, como se suspeitava, não era gata. Era uma coisa em forma de gata que tinha saído da cabeça de Browne. E, como todos os sonhos vívidos de Browne, ela não poderia permanecer acordada se Browne estivesse morto.

— Anote a hora da morte para o registro — disse Nikolenko.

Todos eles voltaram a atenção para a presa — ou vítima, a depender de quão humano alguém o considerasse. Farooq-Lane verificou seu celular e digitou uma mensagem.

Em seguida, eles foram encontrar o outro Zed.

No alto, as nuvens estavam escuras, ofuscando o topo das colinas inclinadas. A pequena fazenda Kerry era cercada por um minúsculo bosque coberto de musgo. Era lindo, mas entre as árvores, o ar zumbia ainda mais do que na cabana. Não era como se eles não conseguissem respirar naquela atmosfera. Era mais como se não pudessem pensar, ou como se pudessem pensar demais. Estavam todos ficando um pouco nervosos; as ameaças pareciam mais verdadeiras ali fora.

O outro Zed nem estava tentando se esconder. Lock o encontrou sentado na curva de uma árvore musgosa com uma expressão perturbadoramente vazia.

— Você o matou, não foi? — perguntou o Zed. Então, quando Farooq-Lane se juntou a Lock, ele disse: — Ah, você.

Uma familiaridade complicada corria entre o Zed e Farooq-Lane.

— Não tem que ser assim — disse ela, estremeando um pouco. Não era um calafrio. Não era um arrepio de medo. Um daqueles momentos em que pensamos estar sentindo a morte às nossas costas. — Tudo o que você tem que fazer é parar de sonhar.

Lock pigarreou como se achasse que a negociação não fosse tão simples assim, mas não disse nada.

— Sério? — O Zed olhou para Farooq-Lane. Sua atenção estava totalmente voltada para ela, como se os outros não estivessem presentes. Era justo; a atenção dela também estava voltada para ele. — Isso me mata de qualquer maneira. Eu esperava mais complexidade de você, Carmen.

Lock ergueu sua arma. Ele não disse isso em voz alta, mas achava

aquele Zed um filho da puta particularmente assustador, e isso sem levar em conta o que ele tinha feito.

— Então você fez sua escolha.

Durante tudo isso, Ramsay pegou suas latas de gasolina na parte de trás do carro alugado; ele estivera morrendo de vontade de usá-las o dia todo. *Petróleo*, ele sorriu, como se a origem da substância fosse material suficiente para uma piada. Naquele momento, o pequeno bosque tinha começado a cheirar ao perfume doce e cancerígeno da gasolina depois que Ramsay chutou a última lata na direção da cabana. Ele provavelmente era o tipo de pessoa que arremessaria um gato.

— Precisamos vigiar a estrada enquanto a cabana queima — disse Lock. — Vamos fazer isso rápido.

O Zed olhou para eles com interesse distanciado.

— Eu entendo por que *eu*, pessoal, mas por que Browne? Ele era um gatinho. Do que vocês têm medo?

Lock disse:

— Tem alguém vindo por aí. Tem alguém vindo para provocar o fim do mundo.

Naquela floresta que zumbia, expressões dramáticas como *fim do mundo* pareciam não apenas plausíveis, mas prováveis.

O Zed esboçou um sorriso forçado.

— É você?

Lock atirou nele. Várias vezes. Estava bem claro que o primeiro tiro havia feito o serviço, mas Lock continuou até não sentir mais tanto medo. Quando os tiros pararam de ecoar entre as árvores, algo mais adentro no bosque caiu no chão com o mesmo som característico da gata na cozinha. Tinha algum peso. Todos estavam felizes que aquele sonho havia adormecido antes que tivessem a chance de encontrá-lo.

Agora que a floresta estava silenciosa, todos os sobreviventes olharam para Carmen Farooq-Lane.

Ela fechara os olhos com força, virando o rosto, como se estivesse se preparando para levar bala também. Sua boca se mexia, mas ela não chorava. Parecia mais jovem. Normalmente se apresentava com tal sofisticação corporativa — ternos de linho, lindos penteados — que era difícil adivinhar sua idade: via-se apenas uma mulher de negócios bem-sucedida e no controle de si. No entanto, aquele momento removeu a camada de glamour e revelou a jovem de vinte e poucos anos que ela

era. Não fora uma sensação confortável; havia um forte desejo de enrolá-la em um cobertor para devolver sua dignidade. Pelo menos, eles não podiam duvidar de sua dedicação. Ela estava envolvida naquilo tanto quanto qualquer um deles e tinha ido até o fim.

Lock colocou a mão paternal em seu ombro. Com sua voz profunda, vociferou:

— Situação fodida.

Era difícil dizer se isso oferecia algum conforto a Farooq-Lane.

Ele disse aos outros:

— Vamos terminar isso logo e dar o fora daqui.

Ramsay acendeu um fósforo. Primeiro, acendeu um cigarro para Nikolenko e outro para si. Então, jogou-o na vegetação rasteira encharcada de gasolina, pouco antes de a chama atingir seus dedos.

A floresta começou a queimar.

Farooq-Lane virou as costas.

Soltando uma baforada na direção do cadáver do Zed, Ramsay perguntou:

— Salvamos o mundo?

Lock digitou a hora da morte de Nathan Farooq-Lane em seu celular.

— Muito cedo para dizer.

2

Ronan Lynch estava prestes a acabar com o mundo. Com seu mundo, pelo menos. Ele estava acabando com um e começando outro. No início daquela road trip haveria um Ronan Lynch e, no final, haveria outro.

— A situação é a seguinte — disse Declan. Aquela era uma maneira clássica de Declan de iniciar uma conversa. Outros sucessos incluíam: *Vamos nos concentrar na verdadeira ação e Isto é o que vamos precisar para terminar essa história* e *No intuito de esclarecer as coisas*. — Eu não teria nenhum problema com você dirigindo meu carro se você ficasse abaixo de 140 km/h.

— E eu não teria nenhum problema em andar no seu carro se você o conduzisse acima da velocidade *geriátrica* — respondeu Ronan.

Era um outubro glorioso: as árvores estavam bonitas, o céu estava claro, a felicidade estava no ar. Os três irmãos discutiam em um estacionamento da Goodwill; quem entrava e saía os encarava. Eles formavam um trio desconexo que chamava a atenção: Ronan, com suas botas sinistras e sua expressão sinistra; Declan, com seus cachos controlados à perfeição e terno cinza mais que adequado; Matthew, com sua calça xadrez extraordinariamente feia e seu casaco azulão acolchoado.

Ronan continuou:

— Existem manchas que se espalham mais rápido do que você dirigindo. Se você for no volante, vai demorar catorze anos para chegar lá. Dezessete. Quarenta. Cem. No fim, estaremos a caminho do seu funeral.

Era a primeira viagem que os irmãos Lynch faziam desde a morte

dos pais. Fazia quinze minutos que tinham saído da casa de Declan quando este recebeu uma ligação que se recusou a atender no carro. Agora eles continuavam a ser atrasados pelas negociações para ver quem ocuparia o assento do motorista. Ronan havia dirigido até ali; as opiniões estavam divididas sobre se ele deveria obter o privilégio novamente. No estacionamento da Goodwill, os irmãos apresentaram os fatos: era o carro de Declan, a viagem de Ronan, as férias de Matthew. Declan recebeu uma carta da seguradora oferecendo melhores taxas por seu excepcional histórico como motorista. Ronan recebeu uma carta do estado aconselhando-o a mudar seus hábitos de direção para não perder a carteira. Já Matthew não tinha interesse em dirigir; ele disse que, se não tivesse amigos suficientes para levá-lo a qualquer lugar que ele quisesse, estava vivendo errado. De qualquer modo, ele tinha sido reprovado três vezes no exame de direção.

— Em última análise, a decisão é minha — disse Declan —, já que o carro é meu.

Ele não acrescentou *e também porque sou o mais velho*, embora essa declaração pairasse no ar. Batalhas épicas eram travadas entre os irmãos por causa desse sentimento subentendido. O fato de não ter sido dito em voz alta dessa vez representava um progresso considerável em seu relacionamento.

— Obrigado, Jesus — disse Ronan. — Ninguém mais quer.

— É muito seguro — murmurou Declan, sem tirar os olhos do celular. O tempo era queimado enquanto ele respondia a uma mensagem de texto ou e-mail da maneira peculiar que sempre fazia, digitando com o polegar esquerdo e o indicador direito.

Ronan chutou um dos pneus do Volvo. Ele queria estar na estrada. Ele *precisava* estar na estrada.

— A gente se reveza a cada duas horas — disse Declan finalmente, com seu jeito brando. — É justo, não é? Vocês estão felizes. Eu estou feliz. Todo mundo está feliz.

Isso não era verdade. Só Matthew estava perfeitamente feliz, porque Matthew sempre estava perfeitamente feliz. Ele parecia satisfeito como um porco na lama quando deslizou para o banco de trás com seus fones de ouvido. E disse alegre:

— Vou precisar de uns lanches antes dessa caranga chegar ao destino final.

Declan colocou as chaves nas mãos de Ronan.

— Se você for parado pela polícia, nunca mais vai dirigir o meu carro.

Em seguida, eles se mandaram, devidamente se mandaram; Washington, DC, no espelho retrovisor.

Ronan não conseguia acreditar que Declan havia concordado com a premissa daquela viagem. A excursão, projetada para Ronan fazer um tour por três apartamentos para alugar em um estado diferente, parecia cair solidamente sob o rótulo de atividades que Declan teria desaprovado no passado. Ronan, com seus sonhos perigosos, dormindo em algum lugar diferente da Barns ou da casa de Declan? Duvidoso. *Mudando-se* para algum lugar diferente da Barns ou da casa de Declan? Nunca.

Ronan não sabia por que Declan estava cogitando essa ideia. O que ele sabia era que levariam oito horas de carro para descobrir se Ronan começaria uma vida nova ou não. Além de um período miserável logo após a morte de Niall, seu pai, ele nunca havia morado em outro lugar a não ser na Barns, a fazenda da família. Ele amava a Barns, estava entediado com a Barns, queria ir embora, queria ficar. Na Barns, Ronan estava a dois segundos de suas lembranças de infância e a duas horas de carro de seus irmãos. Ele sabia que poderia sonhar com segurança ali, cercado por nada além de outros sonhos. Lá ele sabia quem ele era.

Quem seria Ronan Lynch em Cambridge?

Ele não fazia ideia.

Em Maryland, eles trocaram a direção e compraram lanches no posto de gasolina para Matthew. Ele comeu no banco de trás, ruidosamente, com prazer audível. Quando Declan voltou para a interestadual, ordenou que Matthew fechasse a boca enquanto comia; uma advertência inútil, visto que as pessoas vinham dizendo a mesma coisa a Matthew já fazia dezessete anos.

— Só traga comida macia para ele — Ronan aconselhou. — Essa é a solução. Ninguém ouve comidas borrachentas descendo pela goela.

Matthew riu novamente. A única coisa que ele gostava mais do que piadas sobre Declan eram piadas sobre si.

Depois de estarem na estrada por vários minutos, Declan perguntou

a Ronan em voz baixa:

— Quanto tempo faz que você sonhou?

Matthew não estava ouvindo, perdido nos prazeres de seus fones de ouvido e do jogo no celular, mas não teria importado de qualquer maneira. Os sonhos de Ronan não eram segredo para Matthew. Declan apenas gostava mais de todas as coisas se fossem segredo.

— Recentemente.

— Recentemente o bastante?

— Não sei, me deixe verificar minha agenda do sonhador. Ela vai ser precisa ao me dizer o quão recente é recente o bastante. — Ronan esvaziou na boca um saco de amendoins com cobertura de chocolate, na esperança de que isso encerrasse a conversa. Não queria falar sobre o sonho, mas não queria demonstrar que não queria falar. Ele engasgou um pouco com os amendoins, mas, fora isso, conseguiu parecer hesitante. Despreocupado. Ficaria tudo bem, era o que queriam os amendoins. Vamos conversar sobre outra coisa, sugeriam os amendoins. Você está sendo insensato ao perguntar, concluíram os amendoins.

Declan segurava uma barra de proteína contra o volante, mas não a abriu.

— Não aja como se eu fosse insensato por perguntar.

Havia duas razões principais pelas quais viajar durante a noite era tão incômodo e perigoso para um sonhador. A primeira, e mais óbvia, era que Ronan nunca poderia estar cem por cento certo de que não manifestaria acidentalmente um de seus sonhos ao acordar. Às vezes, os sonhos eram inofensivos — uma pena, talvez, ou um peixe de aquário morto ou um vaso de planta; mas, às vezes, eram canções sem forma que faziam o ouvinte se sentir fisicamente doente, ou lagartos com apetite insaciável, ou dois mil sapatos Oxford, todos de pé esquerdo, todos tamanho 41. Quando essas coisas apareciam na vida desperta na remota Barns da família Lynch, eram aborrecimentos, às vezes um pouco mais do que isso (mordidas de lagarto podem ser muito dolorosas). Mas quando apareciam na vida desperta na casa de Declan na cidade ou em um quarto de hotel ou ao lado do carro onde Ronan dormia, no acostamento na estrada... bem.

— Posso abrir a barra de jovem executivo infeliz pra você? — perguntou Ronan.

— Não desvie do assunto — Declan o repreendeu. Mas, depois de

um momento, ele entregou a barra de proteína.

Ronan abriu a embalagem e deu uma mordida antes de devolvê-la. Tinha gosto de areia molhada e suja.

— Quanta classe, Ronan. — Declan soprou levemente a ponta mordida da barra, como se seu hálito fosse tirar os germes de Ronan dali. — Eu só não sei se você está levando isso a sério.

A segunda razão pela qual viajar como um sonhador era tão preocupante era a tinta noturna: uma expressão sexy que Ronan tinha inventado para um fenômeno nada sexy. Era uma consequência relativamente nova para ele, e tudo o que sabia era que, se esperasse muito tempo entre a manifestação dos sonhos ou passasse muito tempo longe dos contrafortes no oeste da Virgínia onde ele havia nascido, uma gosma negra começava a escorrer de seu nariz. Depois, dos olhos. E dos ouvidos. Se não fosse controlado, ele poderia sentir a gosma enchendo seu peito, seu cérebro, seu corpo. Matando-o. Talvez houvesse uma maneira de fazer parar, mas Ronan não conhecia nenhum outro sonhador vivo para perguntar. Ele só conhecera dois em sua vida — seu pai e um aluno agora falecido de sua escola — e eles nunca falavam sobre esse assunto. Será que toleraria bem ficar em Cambridge, Massachusetts, em vez de na Barns por qualquer período de tempo? Não saberia até tentar.

— É minha vez de escolher a música — disse Matthew.

— *Não* — Declan e Ronan concordaram na mesma hora.

O telefone de Declan começou a tremer, pedindo atenção no console central. Ronan fez menção de pegá-lo, mas Declan arrancou-o de suas mãos com tanta velocidade que quase saiu da estrada. Ronan mal teve tempo de ver o início da mensagem recebida: *A chave é...*

— Calma aí, fora da lei — disse Ronan. — Eu não ia tocar na sua garota.

Declan enfiou o celular no compartimento lateral do motorista.

— Novo personal trainer? — Ronan sugeriu. — Novo fornecedor de barras de proteína? Propaganda exclusiva sobre algum tapete de milhares de fios para a casa e o jardim?

Declan não respondeu. Matthew cantarolava feliz com a música em seus fones de ouvido.

Nenhum de seus irmãos disse nada sobre como se sentiam em relação à mudança de Ronan, e ele não conseguia decidir se era porque

não fazia diferença para eles ou porque eles realmente não pensavam que daria certo.

Ronan não sabia qual das duas opções preferia.

Nova York: pararam em uma praça de serviços de conveniência. Matthew deu uma corridinha até o banheiro. Declan atendeu outra ligação. Ronan ficou andando de um lado para o outro. O vento parecia astuto e inventivo ao trabalhar sob seu colarinho, e sua pulsação parecia tão rápida e falhada quanto as finas nuvens de outubro lá do céu.

As pequenas árvores que margeavam a praça de serviços eram esparsas e amorfas, mais como gravetos reunidos do que uma floresta propriamente dita. Eram árvores estrangeiras. Estranhas. Cidadãs frágeis de um código postal urbano. De alguma forma, a visão delas revelou a verdade do que Ronan estava tentando. Por tantos anos, nada mudara. Ele tinha largado os estudos no ensino médio, algo de que não se arrependia, não exatamente, e seus amigos haviam se formado. Dois deles, Gansey e Blue, o convidaram para uma viagem de carro de ponta a ponta do país em um ano sabático; mas, na época, ele não quis ir a lugar algum. Não quando tinha acabado de se envolver totalmente...

— ... com Adam? — Matthew tinha feito uma pergunta, mas Ronan não percebeu. Matthew tinha retornado com um pacote de gomas e as mastigava em silêncio. — Viu só? Eu aceito críticas construtivas. Contursivas. Construtivas. Ah, que se dane.

Adam.

Adam Parrish era o destino daquela viagem.

Existe alguma versão sua que poderia vir comigo para Cambridge?, Adam perguntou no dia em que partiu.

Talvez. Ronan o visitara uma vez desde o início do semestre, mas tinha sido algo espontâneo — ele entrou no carro no meio da noite, passou o dia com Adam e saiu da cidade sem fechar os olhos nem por um segundo. Na realidade, ele não queria se testar.

Negação plausível. Ronan Lynch poderia se sair bem em Cambridge até prova em contrário.

Adam.

Ronan sentia falta dele como se tivesse perdido um pulmão.

Declan reapareceu, olhando para o relógio com a expressão de um

homem acostumado a ser decepcionado por ele. Abriu a porta do lado do motorista.

— Ei, é a minha vez — Ronan protestou. Se não estivesse dirigindo, sabia que seus pensamentos se desgarrariam pelas duas horas finais da viagem. Adam sabia que Ronan viria naquele fim de semana, mas não sabia que Ronan tinha horários agendados para visitar apartamentos para alugar. Ronan não conseguia decidir como ele iria reagir. — Nós tínhamos um acordo.

— Um acordo cheio de caridade — disse Matthew. — Isso é uma piada.

— Você não vai dirigir o meu carro entre aquelas crateras. — Declan bateu a porta, botando um ponto-final na discussão. Matthew encolheu os ombros. Ronan cuspiu.

No carro, Matthew se inclinou para a frente com o objetivo de reivindicar triunfantemente o cabo de áudio. Um remix dubstep de uma música pop ressoou pelos alto-falantes.

Levaria duas longas horas até Cambridge.

Ronan colocou a jaqueta sobre a cabeça para abafar o som e silenciar seu nervosismo crescente. Ele podia sentir sua pulsação bombeando forte na mandíbula. Conseguia ouvi-la nos ouvidos. Parecia o batimento cardíaco de qualquer outra pessoa, ele pensou. Igualzinho ao coração de Adam descansando a cabeça em seu peito. Ronan não era tão diferente. Bem, ele poderia não parecer tão diferente. Ele poderia se mudar para seguir o cara que ele amava, como qualquer outra pessoa. Ele poderia viver em uma cidade, como qualquer outra pessoa. Poderia funcionar.

Ele começou a sonhar.

3

Havia uma voz no sonho de Ronan.

Você sabe que não é assim que o mundo deveria ser.

Estava em todo lugar e em lugar nenhum.

À noite, costumávamos ver estrelas. A gente conseguia enxergar com a luz das estrelas naquela época, depois que o sol se punha. Centenas de faróis acorrentados uns aos outros no céu, tão bons que dava vontade de comer, tão bons a ponto de querermos escrever lendas sobre eles, tão bons que dava para lançar homens neles.

Você não se lembra porque nasceu tarde demais.

A voz era inevitável e natural, como o ar, como o clima.

Talvez eu subestime você. Sua cabeça está cheia de sonhos. Eles devem se lembrar.

Por acaso alguma parte sua ainda olha para o céu e sente a dor?

Ronan estava deitado no meio de uma interestadual. Três pistas indo em cada direção, sem carros, apenas Ronan. Daquele modo comum aos sonhos, ele entendia que a estrada começava na Barns e terminava em Harvard e que ele estava em algum lugar no meio do